



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Affectivity, Group Process, and 'Aquilombamento' as Care Technologies in an Anti-racist Gender Perspective

Mariana Xavier Ortega¹

Beatriz Borges Brambilla²

Edna Maria Severino Peters Kahhale³

Resumo: A vivência afetiva de mulheres negras exige produzir um conhecimento que de fato atenda às demandas destas em um projeto de cuidado em saúde racializado e na perspectiva de gênero. Este estudo de caso, portanto, se dá com um grupo de cuidado em saúde com mulheres negras. Ao longo do processo identificamos algumas dimensões centrais: a solidão, o padrão de beleza, o cisheterossexismo, a necessidade de pertencimento, a discriminação e o racismo, o corpo negro em circulação nos espaços, a história e os ciclos familiares, representatividade, identificação, além das possibilidades de cuidado diante da violência de Estado. Em face dos processos estudados, se reconhece a urgência de tecnologias de cuidado aquilombadas, afirmando a existência e a potência das mulheres e do povo negro.

Palavras Chave: Afetividade. Interseccionalidade. Aquilombamento. Cuidado. Racismo.

Abstract: The affective experience of black women requires the production of knowledge that truly addresses their demands within a racialized healthcare and gender perspective. This case study, therefore, focuses on a healthcare support group for black women. Throughout the process, we identified some central dimensions: loneliness, beauty standards, cisheterossexism, the need for belonging, discrimination and racism, the presence of the Black body in spaces, history and family cycles, representation, identification, as well as the possibilities of care in the face of State violence. In light of the studied processes, there is a recognition of the urgency for care technologies rooted in "quilombo" experiences, affirming the existence and power of black women and the black community.

Keywords: Affectivity. Intersectionality. Aquilombamento. Care. Racism.

¹ Graduação em andamento em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. ORCID: [0009-0003-2483-0340](https://orcid.org/0009-0003-2483-0340). E-mail: marixortega@gmail.com.

² Doutora em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Docente vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP - e Universidade Católica de Santos - UNISANTOS. ORCID: [0000-0001-9157-8593](https://orcid.org/0000-0001-9157-8593). E-mail: Bbbrambilla@pucsp.br.

³ Doutora em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo - USP. Docente vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. ORCID: [0000-0002-8711-2931](https://orcid.org/0000-0002-8711-2931). E-mail: ednapeterskahhale@gmail.com.



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

Introdução

A história do povo brasileiro, nossa história, é expressão da dor, da violência, da exploração, do apagamento de toda uma memória; uma história forjada na invenção colonial de um povo “cordial”. Falamos, em síntese, de uma invenção integracionista eurocêntrica e embranquecida sobre a nossa formação sócio-histórica, a política de desracialização de nosso país, que nos conduziu à ideia de democracia racial, escamoteando o lugar das pessoas negras na história do Brasil – revelando-nos como a universalização da experiência européia fez com que a história fosse erroneamente percebida através de uma lógica distorcida, que levou ao silenciamento (Nascimento, 2021).

A condição de silenciamento imposta exige que olhemos para as próprias condições de produção de conhecimento acadêmico: dominado por homens brancos europeus. Construir conhecimentos que de fato atendam a nossa população brasileira precisaria partir das vivências e experiências de quem as vive. Precisamos pensar a partir de outras epistemologias que contemplem a pluralidade humana e as vivências raciais distintas. Produzir um estudo dentro das Ciências Humanas e Sociais, deste modo, exige que olhemos para outras referências que não somente do próprio campo ou mesmo da academia.

Teóricas negras como Angela Davis, June Jordan, Alice Walker, Lélia Gonzalez, Neuza Santos Souza, entre tantas outras, partiram dos movimentos sociais e cunharam estudos nos anos 1970 e 1980, que abordam a vivência da mulher negra e a discussão de que a nossa liberdade só será possível a partir do entendimento da intersecção de raça, classe, gênero e sexualidade. Frente a isso, nos debruçamos sobre a produção de mulheres feministas negras, como referencial teórico. Apesar dos esforços da academia em não as reconhecer, as produções de conhecimento são valiosas, especialmente por partirem da aliança de um pensar e um agir politicamente, desenvolvendo, assim, uma investigação crítica e de *práxis*, que de fato superassem as relações de exploração-dominação-opressão, que impedem acessos, hierarquizam a sociedade e



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

resultam em desigualdades sociais, que são causadoras de sofrimento (Collins, 2017; Brambilla & Kahhale, 2022). Ao partir de teóricas do feminismo negro, estamos pensando teorias e novas epistemologias que propõem, de fato, uma mudança estrutural e emancipatória da sociedade (Prestes, 2018).

Isso é fundamental para pensar o contexto brasileiro, que carrega em sua história séculos de escravidão e ideologias racistas, refletindo no quadro de desigualdades sociais na atualidade. Vivemos ainda em uma lógica patriarcal que impõe às mulheres padrões de tratamento e comportamento construídos, que se revelam nas relações de poder e em valores sociais. No caso das mulheres negras, o racismo “anda junto” das relações de gênero, isto é, mulheres negras são alvo tanto das opressões decorrentes do racismo, quanto das opressões de gênero. Precisamos ainda pensar nos casos em que as questões de território, deficiência, sexualidade e geração também se inter cruzam nas vivências de mulheres negras, o que entendemos enquanto uma leitura interseccional – compreensão esta que trata especificamente da forma pela qual “[...] o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes” (Crenshaw, 2002, p. 175).

No Brasil, Lélia Gonzalez (1982, p. 97) também é fundamental para pensar uma visão e um enfrentamento que olhasse para as múltiplas formas de opressões sobre as mulheres negras causadoras de adoecimento.

Assim, nos dedicamos, no presente trabalho, a refletir sobre as práticas de cuidado e acolhimento que, de fato, converseem com as demandas de mulheres negras (Nascimento, 2021; Prestes, s./d.). Precisamos, enquanto pesquisadoras das Ciências Humanas e Sociais, estarmos prontas para ouvir e reconhecer toda a cadeia, para assim acolher e contribuir na emancipação e instrumentalização dessas mulheres quando procuram cuidado.

Dentre as Ciências Humanas e Sociais, breve destaque seja feito, nesta nossa reflexão, a partir da Psicologia. Historicamente, esta é uma ciência-profissão (Antunes, 2012) que se baseia em saberes racistas, que negavam ou ignoravam a discussão das



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

opressões raciais, inclusive patologizando expressões saudáveis, simplesmente por fugirem do padrão da branquitude. Isso se reflete na formação dos profissionais. Entender que as interseccionalidades marcam nossas existências, e analisá-las criticamente é fundamental para que pensemos em estratégias capazes de romper com ideologias dominantes e alienantes, que se expressam em mecanismos de exploração-dominação-opressão, tal qual o racismo, que produzem violências, desigualdades sociais e o sofrimento das pessoas (Brambilla & Kahhale, 2022).

Enfim, na tentativa de produzir um conhecimento antirracista e decolonial, tomamos como referência na proposta de repensar o cuidado a própria Política Nacional de Saúde Integral da População Negra – uma iniciativa do governo brasileiro que visa abordar as desigualdades raciais que afetam a saúde da população negra no Brasil. Essa política foi instituída em 2006, por meio da Portaria N.º 992 do Ministério da Saúde (MS), e tem como objetivo principal promover a equidade em saúde, eliminando as disparidades raciais no acesso aos serviços de saúde e na qualidade do atendimento. Essa política reconhece que a população negra enfrenta desafios adicionais em termos de saúde devido às desigualdades sociais historicamente enraizadas e ao racismo estrutural. Portanto, busca abordar essas questões de forma específica e sistemática para melhorar o acesso aos serviços de saúde e a qualidade do atendimento para a população negra no Brasil.

Por todos estes pontos, assim apresentamos e introduzimos o presente artigo, reconhecendo a relevância social e científica da discussão que estamos a propor. Para tal, em sua continuidade, o texto será composto dos seguintes subtópicos: Fundamentação Teórica (internamente subdividido em *Afetividade para além do amor romântico e Dispositivo grupal e aquilombamento*); Método; Desenvolvimento: O Cuidado Aquilombado de Mulheres Negras é Revolucionário (internamente subdividido em *Bonita, padrão, que nem artista e hetera: Solidão, não por opção; Aqui não é pra mim: será que eu sei me comportar?; Com você me sinto bem: espaços de cuidado; Cuidar dos meus já que o Estado não cuida; e Algumas Reflexões sobre a Construção de Tecnologias de Cuidado*



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

numa Perspectiva de Gênero Antirracista); e Considerações Finais: Por Espaços de Vida e Sossego.

Fundamentação Teórica

Afetividade e Solidão para Além do Amor Romântico

Pensando nessas condições e amparada pelos escritos de bell hooks (1994, 2010), refletimos sobre como a luta pela sobrevivência se colocou como prioridade e como segue sendo, em um país onde o Estado não garante uma política de atenção às mulheres e pessoas negras; pelo contrário. O que a pensadora sustenta e que se coloca ainda hoje é que manifestações de amor ficaram em segundo plano. Entende-se, assim, que mulheres negras não foram incentivadas ou possibilitadas a expressarem suas emoções. Essa é uma contribuição importante na construção desse trabalho: a noção de que não é possível universalizar ou naturalizar a forma como amamos e sentimos, uma vez que essas são atravessadas pelas condições materiais e culturais.

Em nossa sociedade o dualismo cartesiano e o pensamento colonial insistem historicamente em dicotomizar a razão e a emoção, colocando no campo da irracionalidade e do primitivismo a expressão das emoções, em oposição à “racionalidade” do homem branco. A colonialidade objetificou a corporalidade negra, negando sua humanidade, individualidade e interioridade, reduzindo a existência negra aos instintos selvagens (Faustino, 2018; Souza, 2021). Nesse lugar de negação das emoções e hipervalorização da razão, precisamos discutir o lugar da saúde mental dessas mulheres, onde a não demonstração de emoções se torna inclusive sinônimo de força e estratégia de sobrevivência.

Em contrapartida, a segunda contribuição de bell hooks, que direciona as análises aqui feitas, é a proposta de que a saúde emocional é tão importante quanto o movimento contra o racismo e o sexismo – já que, na verdade, essas duas experiências estão interligadas, pois “[...] quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente” (hooks, 2000; 2010,



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

s./p.). Quando mulheres negras são capazes de reconhecer seus sentimentos, consequentemente reconhecem suas necessidades, possibilitando assim o cuidado de si e se afirmarem enquanto sujeito no processo emancipatório.

Esse sentido proposto pela autora supracitada, aproxima-se da noção de *afetividade*, desenvolvida pelos autores/as sócio-históricos da Psicologia. A *Psicologia Sócio-Histórica*, por exemplo, entende a afetividade como categoria fundamental do psiquismo, compreendendo-a como agente transformador. Nossas motivações são, assim, sustentadas em afetos e emoções que impulsionam à atividade e à ação, produzindo deslocamentos psíquicos e orgânicos e, inclusive, se estendendo a todas as funções psicológicas superiores. A partir de uma análise sócio-histórica entendemos, então, que as emoções e os sentimentos são partes de um processo de significação de vivências do sujeito em suas relações sociais e materiais. Esse processo de significação é mediado pelas particularidades das relações (grupos, família, escola...) nas quais o sujeito está inserido. Deste modo, nossas emoções participam de todas as fases de desenvolvimento da nossa consciência (Toassa, 2009); sem afetos, não há criação de sentidos (González Rey, 2004). O que propomos, ecoando bell hooks, é que ao experimentar a força transformadora do amor como afeto, abre-se a possibilidade de alterar as estruturas sociais existentes.

Em resumo, Amor, na perspectiva de bell hooks, vai além do que é entendido no senso comum, como um sentimento romântico e materno. Essa é a terceira grande contribuição conceitual que a obra da autora empresta a essa pesquisa. O amor não se trata de um sentimento; hooks vai além, ao propor que “amar” se expressa nas ações (hooks, 2021, p. 55):

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. [...] Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança.



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

Ao buscarmos na *BVS-Psi* e na *SciELO*, a partir da combinação de descritores específicos, não foram localizados artigos que associem mulheres negras a afetos, sentimentos, emoções ou amor. Ao buscar no *Google Acadêmico* descritores associados como “afetividade” e “mulheres negras”, os artigos que aparecem tratam especialmente de afetividade sob a perspectiva dos relacionamentos amorosos. Aparentemente, nas pesquisas, existe ainda um reducionismo na leitura dos afetos das mulheres negras ao relacionamento e à escolha por um homem. Isso parte de uma questão que, de fato, é central dentro da construção da nossa sociedade machista e patriarcal: o casamento como sendo o objetivo de vida das mulheres.

Amor não se refere a relacionamentos afetivos. Um reducionismo a leitura dos afetos das mulheres negras ao relacionamento e à escolha por um homem (não crítica à heterossexualidade compulsória, à noção de solidão, a partir de uma análise interpessoal, das micro relações), corrobora com uma leitura patriarcal, e nos impede de pensar em políticas públicas que reduzam a “solidão” e as desigualdades na vivência de mulheres negras – ou seja, políticas públicas que garantam direitos sociais e humanos, que permitam o melhor desenvolvimento de sua existência.

A falta de proteção do estado, outrossim, fragiliza a possibilidade de vida das mulheres negras. Clélia Prestes (2018) traz uma discussão sobre o conceito de saúde, importante para que a nossa discussão não se encerre nela mesma e na clínica: saúde, para além do físico e do emocional, é garantia de direitos.

Segundo Ahmed (2022), é de extrema importância que denunciemos a interseção do capitalismo com o racismo, ou seja, para como o Estado sustenta expressões do racismo. A qualidade de vida é comprometida quando não se tem acesso aos recursos necessários para sustentá-la. Na obra *Sou sua irmã* (1988/2020), a norte-americana Audre Lorde, intelectual, escritora, mulher, negra e homossexual relata a batalha contra um câncer, que a fez refletir sobre como a luta pela existência é simultaneamente uma luta pela vida e uma luta de natureza política. Precisamos descobrir maneiras de subsistir em um sistema que determina quem merece viver e exige a morte ou a exclusão dos demais. Em certos momentos, sobreviver em tal sistema é uma forma de resistência



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

contra ele. Sara Ahmed (2014) ao refletir sobre os sentidos do autocuidado na atualidade a partir de uma leitura da obra da Audre Lorde aponta extraordinariamente: “Autocuidado: aquilo que pode ser um ato político” (Ahmed, 2014).

Para Audre Lorde (2020), o cuidado é coletivo e é fazer político; e vivemos um momento marcado pela pandemia do coronavírus e pelo avanço do pensamento conservador e da extrema direita, que dificulta sustentar nossos avanços e nos obrigada a estar em coletivo e combatendo, pensando em estratégias.

Diante deste giro conceitual sobre afetividade em mulheres negras e as marcas do racismo, coloca-se como desafio para o campo *prático* das Ciências Humanas e Sociais uma base epistemológica e metodológica que atenda à necessidade de construção de subsídios para uma prática emancipatória a partir das relações de gênero e raça, construindo novos referenciais para o acolhimento e o cuidado pautados no afeto.

Dispositivo grupal e aquilombamento

A potencialidade dos grupos a partir de uma análise histórica e dialética já foi sistematizada anteriormente pela professora Silvia Lane. A partir da vivência de aproximação dos participantes favorecendo a relação dialógica entre eles, gerando trocas, descobertas e participações, entendendo que está dentro de um contexto social, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas. Além disso, traz a noção de que o grupo é mediação entre o individual e o social e que, portanto, se torna local possível compreender as determinações sociais que atuam sobre os sujeitos, e como estes mesmos sujeitos atuam sobre estas primeiras (Smeha, 2009).

O fato de se tratar de um grupo de cuidado composto apenas por mulheres negras, terapeutas e atendidas, adiciona um ponto central à discussão: o autocuidado entre os nossos, reconhecendo o próprio processo grupal como estratégia de cuidado e aquilombamento. Aquilombar-se, então – tomando agora esta categoria em análise – tem sido estratégia de resistência e fortalecimento desde o séc. XV, como espaços de produção de vida frente a uma realidade que escravizou e que depois não garantiu nenhuma reparação e possibilidade de vida para pessoas escravizadas pós abolição.



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

Os quilombos tiveram diversas organizações políticas, econômicas e sociais, mas essencialmente a coletividade e o fator étnico como central na forma de se organizar, que assumiram um sentido histórico e simbólico de liberdade, como um valor representativo para além da materialidade (Nascimento, 2012 p. 106). Beatriz Nascimento faz, então, uma expansão no conceito de “quilombo”, metaforizando-o não apenas como um lugar, mas como um território existencial.

Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre. A multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente (Nascimento, p. 281).

Movimento esse que será acompanhado também por Abdias do Nascimento, que vai propor o conceito de “quilombismo” que no bojo das relações de cuidado em saúde mental tem sido nomeado como “aquilombamento”. David (2020) compreende que aquilombar é uma forma de articular apoio, proteção, valorização da cultura e da identidade, além de promover ações de enfrentamento às desigualdades sociais e raciais. Assim, o aquilombamento propõe o fortalecimento de dinâmicas comunitárias e de resistência nos dias atuais, promovendo a emancipação das populações negras frente às opressões estruturais. É uma forma de reconstruir e reafirmar a identidade e a dignidade negra, buscando a transformação social.

Em uma sociedade na qual o projeto de embranquecimento dividiu e separou pessoas negras, (Souza, 2021), há um efeito em uma roda, composta por mulheres negras, de reconhecimento do próprio processo grupal como estratégia de cuidado e aquilombamento. Aquilombar é, assim, expressão de fortalecimento e partilha entre semelhantes rumo a outras lógicas de afetividade e representação de si e do mundo.

Método

O estudo em questão configura-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, realizada no bojo do *Laboratório de Estudos de Saúde e Sexualidade (LESSEX)*, que tem focado em relações de opressão, como raça, classe, gênero e



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

sexualidade, produzindo pesquisas a partir do estudo de casos clínicos. Para Kahhale & Montreozol (2019), essa forma de produzir conhecimento deve estar indissociada ao fazer clínico, ao processo de cuidado.

O estudo se trata, assim, de um caso clínico grupal, orientado por leituras da *Psicologia Sócio-Histórica* (Kahhale & Montreozol, 2019). Dessa forma, visamos apreender os fenômenos sociais em sua complexidade, assim como os processos clínicos em sua concretude. Defende-se, outrossim, a validade de trabalhos desenvolvidos a partir de casos singulares, com a especificidade de que essa pesquisa parte de um grupo, como potência para análise e formulação de reflexões. Um processo grupal possibilita a emergência de multiplicidades de pontos de vista. O grupo focal utiliza a interação grupal para produzir dados e *insights* que não seriam possíveis fora do grupo, dada a sua potencialidade de construção de significações. Então, ele busca apreender e analisar um saber que também se constrói durante o grupo (Smeha, 2009).

Por fim, é fundamental pontuar a impossibilidade da separação do pesquisador com o grupo. Ao mediar um grupo e facilitar as conversas, estamos abertos ao que nos constitui através dos encontros. Encontrar o outro, ouvi-lo e estar frente a frente a ele possibilita questionamentos e ressignificações. Nesse sentido, não somos investigadores de algo, mas estamos em diálogo com o sujeito da pesquisa, construindo conhecimento (Rey, 2011).

Por fim, ressalta-se que a Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), constituiu um serviço especializado para o atendimento da comunidade negra. Fruto da reivindicação do movimento negro na Universidade. O serviço realiza atendimentos individuais e em grupo, onde ocorreu um grupo de mulheres e um grupo de homens, coordenados por psicólogas, com participação da autora principal deste artigo, que acompanhou como coterapeuta o grupo de mulheres negras. O grupo ocorreu regularmente, durante um ano, na pandemia, de forma *online*, com encontros de duração de aproximadamente uma



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

hora (1h). Todas as participantes eram mulheres negras, com histórias singulares que se inter cruzam diante de violências estruturais do racismo e cisheterossexismo.⁴

Desenvolvimento

O Cuidado Aquilombado de Mulheres Negras é Revolucionário

A roda de cuidado com mulheres negras, construída como um espaço de cuidado de si e cuidado mútuo, configurou-se como potência de encontro das participantes e das terapeutas, na medida em que foi possível desuniversalizar e desomogeneizar as vivências das emoções em uma perspectiva de gênero e raça. Isto dito, longe de tentarmos expressar a complexidade vivida no processo grupal, apresentaremos alguns aspectos que emergiram nesta roda de cuidado racializada.

Bonita, padrão, que nem artista e hetera: Solidão, não por opção

Ao longo dos encontros diversos assuntos foram discutidos. Dentre eles, falou-se sobre a solidão e o que significa estar e se sentir sozinha. Aparece nas falas das participantes que estar sozinha não se tratava de estar só, vai além disso, passa pela dimensão de não ter alguém com quem compartilhar intimidades. Essa é uma percepção que elas têm desde criança, afirmam que dentro da família nunca foi comum que falassem sobre sentimentos e se percebem reproduzindo esse mesmo padrão. Uma delas traz em sua fala que se convenceu de que fica bem sozinha, mesmo não acreditando que tenha sido uma opção, uma vez que desde nova foi assim. Nota-se que nem todas compartilham da mesma noção de solidão, algumas acreditam se tratar de não ter pessoas ao redor em qualquer âmbito e, nesse lugar, se sentirem sozinhas.

Da discussão sobre a solidão surgiu a necessidade de se fazer uma distinção entre solidão e carência. Elas compartilham de um sentimento que definiram como carência como sendo a vontade de ter um(a) parceiro(a), como se precisassem estar com uma

⁴ Destacamos que o projeto-mãe de pesquisa, onde este estudo se insere, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP, atendendo a todos os preceitos éticos e resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sob o protocolo de n.º: CAE 18783019.0.0000.5482.



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

peessoa. Elas afirmaram sentir falta de ter uma pessoa para sair e poder abraçar e trocar carinho. Naquele momento todas estavam solteiras, com exceção de uma que estava se envolvendo em um relacionamento com outra mulher, que mora em outra cidade. Falamos sobre a autora Valeska Zanello, e como é comum às mulheres que se sintam fracassadas, quando fora de relacionamentos amorosos.

Também trouxeram à discussão o fato de sentirem que mulheres se moldam na tentativa de atingir a expectativa do outro nos relacionamentos, na esperança de não ficarem sós. Uma delas inclusive diz “chega uma hora que a gente não vê mais quem é”. Comentaram como acham ser um absurdo que a exigência para homens e mulheres não seja a mesma, e chamaram atenção para a aparência. Trouxeram como exemplo que delas espera-se muito mais ao se arrumarem para um encontro, sendo comum se depararem com a situação de “estarmos lindas e o cara de bermuda e camisa de futebol”. Pensamos então: “para quem nos arrumamos? É para a gente ou para os outros? A troca de quê?”.

Além disso, falamos sobre como a feminilidade afeta a vida de mulheres negras, especialmente lésbicas e bissexuais. Uma das participantes compartilhou que dentre as coisas que recorrentemente escuta quando sai é “como assim você é preta e gosta de mulher?” ou “Um mulherão desses e gosta de mulheres?”.

Conversamos então sobre a importância de espaços nos quais elas possam se sentir confortáveis e se reconhecerem nas pessoas ao redor, inclusive para que possam fortalecer a autoestima. Estar com outras pessoas pretas e reconhecer beleza nelas, para então enxergar beleza em si. Ideias que desde criança não aprendemos a ver, visto que todo imaginário de beleza – construídos pelas séries, propagandas, pela mídia em geral – é branco/a.

Por fim, outra dimensão que surge ao falarmos das experiências de ser uma mulher negra é como elas são marcadas por generalismos e estereótipos. Apareceu nos relatos como é comum passarem por situações nas quais escutam coisas tais: “Como você é negra e não samba?”, “Como pode ser negra e não ser flamenguista?”. Além de



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

serem comparadas com outras mulheres negras por serem negras. Um exemplo: "Me compararam à cantora Iza, simplesmente por estar usando tranças".

Aqui não é pra mim: será que eu sei me comportar?

Em um certo momento, perguntou-se às mulheres se existiam espaços ou momentos nos quais elas não se sentiam confortáveis ou pertencentes. Foram então contando de experiências desde a adolescência até a vida adulta das situações diárias nas quais se sentiram oprimidas. Comentaram que na adolescência era mais comum esse sentimento de não pertencimento nos espaços, por exemplo, quando iam a restaurantes ou hotéis. Hoje em dia, principalmente em situações do trabalho, também acabam tendo que frequentar ambientes nos quais não se sentem confortáveis.

Elas também compartilharam que esse desconforto parte de não saberem como se portar em ambientes elitistas. Mas fica o questionamento, como é que se porta? Uma delas compartilhou que desacostumou a estar em espaços de lazer que são majoritariamente frequentados por pessoas brancas; prefere "se poupar". Principalmente porque, em espaços onde estão "sozinhas", preferem se calar frente a uma situação racista para não se "desgastarem".

Um exemplo trazido foi uma ida a um restaurante de elite. Nesse caso, e em tantos outros, o sentimento de não pertencimento vem do fato de serem as únicas pessoas negras no local, para além das posições de trabalho. Ao compartilhar com sua colega de trabalho branca, que a estava acompanhando, ouviu que era exagero de sua parte estar se sentindo desconfortável.

Uma delas compartilhou as situações recorrentes pelas quais passam: pessoas olhando, pedidos inconvenientes para tocarem em seus cabelos, e da dificuldade de dizer não. Principalmente porque são momentos nos quais elas se dizem "despreparadas", na fila do mercado ou no trabalho, por exemplo.

Tiveram, ali naquele espaço, a possibilidade de conversarem sobre diferentes formas pelas quais teriam agido e como se estivessem juntas nas situações poderiam ter



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

respondido de maneiras distintas, uma vez que em coletivo elas se sentem mais autorizadas e fortes.

Com você me sinto bem: espaços de cuidado

Como dito, esses atendimentos se passaram durante a pandemia, o que suscitou algumas discussões sobre saúde, hábitos e cuidado. Dentre os temas, compartilharam como tem sido difícil, nesse momento, se cuidar. Se exercitar, comer bem, relaxar. Falamos sobre como o autocuidado se faz com o corpo e nossos corpos têm sido restringidos de estar no mundo, com amigos, no bar, com a família. Ressaltamos a importância de cuidarmos de nós mesmas, dançando, por exemplo.

Todas compartilharam como o processo todo havia sido para si. A gratidão por um espaço de cuidado, de troca, de constância e a segurança dos encontros, foram ressaltados dentro da fala de todas. Agradeceram por existir um espaço no qual podiam escutar outras mulheres compartilhando de suas vivências, dores e alegrias, assuntos densos, como as experiências de opressão vividas, quando de assuntos mais leves, como quando conversamos sobre autoprazer e vibradores. Se tratou de um espaço no qual todas as mulheres, que eram negras, puderem reconhecer umas nas outras; o que se mostrou, para elas, como um ponto importante. Elas relatam principalmente o poder de ouvir umas às outras, ressaltando a importância de espaços nos quais elas possam se sentir confortáveis e se reconhecerem nas pessoas ao redor, inclusive para que possam fortalecer a sua autoestima.

Cuidar dos meus já que o Estado não cuida

Os encontros suscitaram também algumas discussões sobre saúde e perspectivas de futuro. De maneira geral, os planos para o futuro ficaram suspensos devido à pandemia, não se sentiram empolgadas para fazer uma lista de desejos para 2022. Uma delas disse que a grande meta seria sobreviver e compartilhou das dificuldades que vinha sofrendo, com a ansiedade e a depressão. O maior desejo dela é estar presente para poder prover para os pais, e isso só é possível estando viva.



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

Conversamos sobre como a sobrevivência é algo que precisamos nos preocupar em um país no qual não há garantias asseguradas pelo Estado. Ela trazia na sua fala a preocupação de ter de trabalhar apesar do medo do vírus, e o que a motiva é o medo de não ter onde morar ou o que comer. Em suas palavras, os pais são tudo o que ela tem, já que não possui família estendida. E compartilhou da culpa que sente por não conseguir pagar consultas para os pais, para que os exames estejam em dia e assegurar tratamentos preventivos.

Compartilhou que a morte dos pais é o maior motivo de sua ansiedade. Então nos debruçamos sobre o assunto com a seguinte pergunta disparadora: “para onde a sua ansiedade te leva?” Todas compartilham se sentirem ansiosas o tempo inteiro. Uma delas afirma que “sua cabeça vai para vários lugares”, pensa nas coisas que fez, mas deveria ter feito diferente e que antes mesmo de realizar algo, já pensa nas várias possibilidades, o que nas palavras dela é paralisante. E por paralisar a impossibilita de resolver suas coisas. Como consequência, tem trabalhado durante a noite e de madrugada. Fato que outras também compartilham.

Outro ponto em comum é a responsabilidade de ter que cuidar dos pais. Se sentem culpadas por não estarem presentes cumprindo com o papel que se espera das “filhas”. Seja por morarem longe, pelo isolamento imposto pela pandemia, pelos conflitos geracionais, ou por não conseguirem cobrir os custos com saúde.

Algumas Reflexões sobre a Construção de Tecnologias de Cuidado numa Perspectiva de Gênero Antirracista

No processo de cuidado aquilombado algumas temáticas foram centrais quando olhamos a partir dos atravessamentos dos afetos nas vivências e as estratégias de cuidado e de produção de vida dessas mulheres. A começar pelos modos que se percebem no mundo frente aos padrões de beleza, feminilidade e relacionamentos amorosos. Ao longo dos encontros foi se evidenciando o quanto elas entendem que os padrões de beleza e de feminilidade são impostos a partir de um modelo ditado por um padrão branco. Esse lugar de privilégios e de silenciamento que impõe um padrão que



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

beneficia pessoas brancas, é o que entendemos como “branquitude” (Schucman 2012, p. 14).

Dentre as questões apontadas pelas mulheres do grupo, estava a questão de sentirem que precisam se moldar a fim de se encaixarem em relacionamentos, até chegarem a um ponto no qual se sentem perdidas e até deixam de se reconhecer, na expectativa de estarem com alguém. Esse esforço, que é violento e desigual, é um indicativo de um ponto levantado por elas que é central: A branquitude e o pensamento colonial tomam conta de tratar pessoas negras como um grupo homogêneo.

As vivências relatadas, evidentemente expressam essa visão colonialista, homogeneizante e estereotipada, de mulheres negras. Voltando a ideia da branquitude como esse lugar de privilégios e de silenciamento que coloniza as relações colocando as pessoas negras no lugar de outro, reforçando estereótipos que subjagam pessoas negras novamente nesse lugar de apagar o lugar de sujeito ativo. Quando elas trazem que são comparadas com artistas, simplesmente por estarem de trança, ou serem questionadas com perguntas tais “como você é negra e não samba?” ou “Como pode ser negra e não ser flamenguista?”, elas questionam esse lugar de apagamento que a branquitude tenta impor.

Sempre que o assunto é sobre a percepção delas sobre si, elas produzem esse resgate delas mesmas em contradição às imposições dessa violenta branquitude que atravessam suas relações cotidianamente. Uma dimensão disso foi levantada inclusive frente aos relacionamentos amorosos. As participantes da roda tinham o entendimento de que o padrão hegemônico branco de beleza dita a forma como os relacionamentos são retratados na mídia.

Como consequência elas trazem o quanto em relacionamentos estão dispostas a fazer o possível para satisfazer a outra pessoa, a fim de não ficarem sozinhas. Elas trouxeram a palavra *exigência* para falar da forma como elas precisam se arrumar para um encontro, por exemplo, e como essa régua é diferente para homens e mulheres.

Isso se sustenta, quando pensamos na autora Valeska Zanello (2018) e na ideia da “prateleira do amor” que remete a ideia de que o amor romântico na nossa sociedade



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

opressora (machista, racista, gordofobia, cisheteronormativa) subjuga as mulheres em uma ordem de preferência num relacionamento amoroso, como produtos à escolha de um cliente em uma prateleira.

Refletindo sobre a condição apresentada pela Zanello (2018) e articulada com Neuza Santos Souza (2021), o relato delas perpassa pela exigência de alcançarem um padrão que não diz respeito a elas em uma situação que não as privilegia, pelo contrário. Foi importante nos encontros refletirmos como elas se sentiam e para quem é que elas se arrumam dentro dessa lógica machista, racista, gordofobia, etarista etc. Olhar para isso é poder olhar para a dimensão da exigência e da obrigação de tentarem alcançar um padrão de beleza branco. E nesse movimento elas foram apontando para outro elemento violento imposto a elas.

Quando uma das participantes compartilha que dentre as coisas que recorrentemente escuta quando sai à noite é “como assim você é preta e gosta de mulher?” ou “um mulherão desses e gosta de mulheres?”, a discussão sobre como cisheterossexismo compulsório opera sobre mulheres negras se faz necessária. Audre Lorde também vai evidenciar o risco da homogeneização de mulheres negras ao tratar de sexualidade. Ele desenvolve o heterossexismo como uma crença na superioridade inerente a um padrão de relação afetiva, o que implicaria o seu direito à dominância. Tendo como um de seus instrumentos a heterossexualidade compulsória e a cisheteronormatividade, entende-se o motivo de serem questionadas ou deslegitimadoras quanto a sua sexualidade. O que Audre Lorde vai trazer a discussão da sexualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais que dentro dos movimentos negros sofrem com a homogeneização de um movimento ainda pautado no homem, que cria um estereótipo de que lésbicas são apolíticas, e outras visões homofóbicas. Além disso, existe a dimensão de mulheres negras terem sua feminilidade questionada pelos movimentos feministas que seguem dentro da branquitude.

O processo possibilitou discutir essa questão e reforçar que “Temos muitas Faces diferentes e não precisamos retornar idênticas para trabalharmos juntas” (Lorde, 2020



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

p. 13). Pelo contrário, é necessário o alinhamento e diálogo entre todas, para que de fato todas as formas de opressão sejam combatidas (Lorde, 2020 p. 65).

Ficou evidente que esse espaço de cuidado, se afirmou como terapêutico, e se tornou um local onde elas conseguiram estar em pares, ouvir as experiências com as quais se identificavam ou em nada tinham a ver. A partir dessas trocas, se sentiam fortalecidas para então compartilhar suas próprias vivências. Isso vai apontando para uma característica presente em todos os encontros: elas não tinham ânsia por compartilhar; ou seja, ao longo dos nove encontros, foi um cuidado das terapeutas convidá-las a falar e dividir o espaço entre elas, gradativamente.

O que se observa é a dificuldade que elas tinham em se abrir, mas a importância de ouvir a outra para que o processo acontecesse. O aquilombamento enquanto forma de cuidado foi se delineando naturalmente. Compor um espaço de cuidado aquilombado tem na sua essência ir contra a lógica hegemônica eurocêntrica, rompendo com a reprodução da colonialidade, que as subalterniza. Ao passo que elas iam se identificando, mesmo que ainda esperassem serem convocadas para falar, se sentiam muito mais autorizadas a compartilhar suas vivências e vulnerabilidades.

O fato de se tratar de um espaço aquilombado, acolhedor e de muito afeto, trocado entre as participantes e terapeutas possibilitou troca e construções de sentidos. Na roda elas puderam racializar as vivências trazidas por elas. O cuidado das terapeutas de convocá-las vai dizendo do trabalho que elas também têm de desconstruir a "máscara do silenciamento" proposta pela Grada Kilomba, que é esse silêncio que foi brutalmente imposto aos escravizados durante o séc. XV e XVI, mas que sistematicamente foi subjetivado por homens e mulheres negras frente à ideologia dominante. Como consequência, mulheres foram condicionadas ao lugar apenas de escuta.

Além dessa dimensão, a possibilidade de estarem vulneráveis e demonstrando suas emoções também foi um ponto que evidencia esse resgate do sujeito que foi possível dentro do grupo. Em diversos momentos elas trouxeram de como não se sentiam confortáveis para falar sobre si com os outros, como não dividiam com a família, que quando estavam chateadas preferiam ficar mais quietas. Inclusive, tiveram



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

encontros que afirmaram não estarem se sentindo bem, mas que preferiam ficar quietas só escutando. Poder refletir sobre isso se faz importante uma vez que a falta de olhar para si e ao mesmo tempo ocupar o lugar de cuidar do outro vai neutralizando as possibilidades de enxergarmos os adoecimentos que foram acessados e elaborados no processo.

Problematizar os lugares de cuidado que essas mulheres ocupam é essencial para evidenciar violências inclusive do próprio Estado. Na história se constitui uma divisão sexual do trabalho, principalmente a partir do casamento, onde a mulher é responsabilizada pela reprodução e cuidados domésticos. Em suas discussões sobre cuidado, Gouveia (2018, p. 118) afirma:

A distribuição das tarefas é determinada a partir do gênero e se aprofunda com a raça e a classe, promovendo a naturalização de supostas habilidades como parte componente de determinado sexo biológico definindo inclusive, com relação a comportamentos. [...] é nesse processo que se constitui a associação entre mulher e domesticidade, o que não pode ser homogeneizado devido às relações raciais e de classe que atravessam e diferenciam a experiência do ser mulher.

Dentre as dimensões que Gouveia traça em seu texto sobre a imposição do cuidado estranhado que é imposto a mulheres, o que ela chama de cuidado colonial, está a dimensão de que corpos negros são corpos matáveis e extermináveis. Ela então desenvolve a partir da maternidade a violência de Estado em não garantir a sobrevivência.

A questão da maternidade, como a apresentada por Gouveia, não surgiu ao longo dos encontros, mas o sentido pode ser estendido para a responsabilidade que mulheres da roda compartilham de terem que cuidar dos pais. Dentre as razões pelas quais elas se sentem ansiosas e culpadas está o fato de que a sobrevivência delas e dos pais não está garantida pelo Estado, sendo seu dever a garantia à saúde. Essa deveria ser uma rede importante de suporte a essas mulheres, mas o subfinanciamento do SUS (Sistema Único de Saúde) e de uma política de previdência fragilizam e colocam a responsabilidade nelas da garantia de vida dos pais e delas mesmas, o que se acentua em um contexto de pandemia, onde tiveram que voltar ao trabalho presencial ainda sem doses de vacina.



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

Nesse cenário, o grupo de cuidado carrega uma importância por ser um espaço onde teve acolhimento, onde elas puderam se emocionar, rir, produzir cuidado coletivo, falar sobre autoprazer, sobre adoecimentos. Não se trata de uma indisposição ou uma questão dessas mulheres de estarem presentes, de esbanjarem afeto e de construir redes. São de fato as condições materiais e concretas que atravessam as possibilidades de afeto. Mas ao longo do processo de cuidado, essa troca afetiva entre as participantes e as terapeutas foi amplamente incentivada e explorada.

Considerações Finais (ou por espaços de vida e sossego)

O estudo apresentado se propôs a pensar e demonstrar a importância de fazer uma clínica crítica, que se indigne com as relações de opressão e que junto a pessoas e grupos produza novas possibilidades de agir no mundo e de potência para resistir. Uma clínica que busque construir espaços de cuidados e afetos que rompam a reprodução da colonialidade, a qual subalterniza uma parcela da população produzindo sua dominação, exploração e ignorando seus conhecimentos e experiências.

A psicologia se encontra em um momento no qual já se entende que a discussão de raça é fundamental e agora é necessário se haver com o histórico da nossa ciência-profissão e pensar politicamente nosso fazer. É um processo de desenvolver práticas que coloquem os marcadores sociais e que cumpram com o dever de explicitar as expressões de exploração-dominação-opressão (Brambilla & Kahhale, 2022) sustentadas na desigualdade social e nas diferentes formas de violência, para então oferecer uma possibilidade de cuidado individual e coletivo. Nesse movimento, produzir esse trabalho busca fortalecer a discussão e caminhar em direção a construção de uma teoria crítica e revolucionária. É uma discussão que não pretende encerrar em si mesma, mas somar com outros trabalhos que também contribuem com o debate, a fim de levar a mudanças de fato.

Com isso em vista, participar dessa roda nos afetou profundamente. Construir um espaço com outras mulheres negras, enquanto estagiária, pesquisadora e docente tem uma relevância sem tamanho dentro das nossas trajetórias pessoais e profissionais.



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

Compor um espaço de cuidado quilombado tem na sua essência a possibilidade de ir contra a lógica hegemônica eurocêntrica, rompendo com a reprodução da colonialidade, que subalterniza uma parcela da população garantindo sua dominação, exploração e ignorando seus conhecimentos e experiências (Lima, 2020). Portanto, poder contribuir e nos formar com aquelas mulheres, compondo um espaço de cuidado para mulheres negras feito por mulheres negras é fundamental para nós.

Construiu-se nos nove encontros nos quais estivemos, um fazer clínico implicado e afetivo, que transitou pela experiência naquelas mulheres. E mesmo partindo das feridas causadas por uma sociedade racista, cada uma trouxe a riqueza que é construir sentidos e afetos cotidianamente. Ali criou-se um espaço de produção de cuidado onde se criou uma rede.

Tendo como referência a *Política Nacional de Saúde da População Negra* (2013) e suas diretrizes é *imprescindível* o “[...] reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-raciais e do racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde, com vistas à promoção da equidade em saúde”. Essa deve ser a nossa responsabilidade ético-política enquanto psicólogas frente ao panorama sócio histórico do nosso país (Martín-Baró, 1997), marcado pela colonialidade racista, capitalista e patriarcal. Sendo assim, esse serviço, presente na clínica, se mostra necessário.

Um serviço psicológico dedicado especificamente às pessoas negras em uma clínica escola universitária desempenha um papel crucial na promoção da saúde mental e no combate às disparidades raciais no acesso à assistência psicológica. Ao oferecer um espaço seguro e sensível, a clínica escola universitária não apenas reconhece as experiências individuais e coletivas de pessoas, mas também contribui para a criação de um ambiente inclusivo e equitativo. Além disso, a formação de futuros/as psicólogos/as nesse contexto proporciona uma oportunidade valiosa de sensibilização e educação sobre questões raciais, fortalecendo o compromisso com a justiça social na prática psicológica. Em última análise, o serviço psicológico para pessoas negras na clínica escola universitária desempenha um papel crucial na construção de uma psicologia mais



Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

justa, igualitária e engajada politicamente, onde todos possam buscar e receber apoio rumo à emancipação e fim das relações de exploração-dominação-opressão.

Referências

Ahmed, Sarah. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: Editora Ubu, 2022.

Ahmed, Sarah. Selfcare as Warfare. [Feminist Killjoys](#) [Online], 2014.

Antunes, Mitsuko Aparecida Makino. A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, 2012

Brambilla, B. B. & Kahhale, E. M. S. P. O nó exploração-dominação-opressão e a fusão classe-raça/etnia-gênero segundo a Psicologia Sócio-Histórica. In: Bock, A. M. B. *et al* (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições à Leitura de Questões Sociais**. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2022. p. 81-105.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

Collins, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

Crenshaw, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

David, E. C. Aquilombar a cidade: território, raça e produção de saúde em São Paulo. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. n.10, p. 5-394, 2020.

Faustino, D. Reflexões indigestas sobre a cor da morte: as dimensões de classe e raça da violência contemporânea. In: Feffermann, M. et al (Org.). **As interfaces do genocídio: raça, gênero e classe**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2018. p. 141-158.

Gonzalez, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: Luz, Madel (Org.) **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 87-104.

Gouveia, R. P. **Trabalho, Gênero e Saúde Mental: contribuições para a profissionalização do cuidado feminino**. São Paulo: Cortez, 2018.



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 272 p.

hooks, bell. Vivendo de Amor. [Geledés](#), 2010.

Kahhale, E. M. S. P. & Montreozol, J. R. A clínica na Psicologia Sócio - Histórica: uma abordagem dialética. *In*: Toassa, Gisele; Souza, Tatiana Machiavelli Carmo & Rodrigues, Divino de Jesus da Silva. (Orgs): **Psicologia Sócio-Histórica e desigualdade social: do pensamento à práxis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, v. 1, 2019a. p. 191-211.

Kilomba, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

Lorde, Audre. **Sou sua irmã**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Martín-Baró, I. O papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1997.

Nascimento, Abdias. **O quilombismo: Documentos de uma militância Pan-Africanista**. São Paulo: ed. Perspectiva. 2019.

Nascimento, Beatriz. **Uma história escrita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Prestes, Clélia Rosane dos Santos. **Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras: interseccionalidade e bem viver**. Tese (Doutorado em Psicologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2018.

Rey, Fernando González. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

González-Rey, F. L. La afectividad desde una perspectiva de la subjetividad. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, p. 127-134, 1999.

Schucman, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2012.

Smeha, Luciane Najar. Aspectos epistemológicos subjacentes a escolha da técnica do grupo focal na pesquisa qualitativa. **Revista de Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 260-268, 2009.



Afetividade, processo grupal e quilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de Gênero Antirracista

Mariana Xavier Ortega, Beatriz Borges Brambilla & Edna Maria Severino Peters Kahhale

Souza, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Toassa, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. São Paulo, 2009.

Zanello, Valeska M. Loyola. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos**: Cultura e Processos de Subjetivação. Curitiba: Appris Editora, 2018.